

22. Foi impossível conter esse vírus

Gilvana Santos Martins

Para quem não me conhece, me chamo Gilvana Santos Martins, indígena da etnia Karipuna, residente na Aldeia Santa Izabel, situada às margens do rio Curipi, Terra Indígena Uaçá, sou estudante do ensino médio. No início deste ano de 2020 fui para Belém, Pará, com a intenção de terminar os estudos e também aprender junto com os acadêmicos e calouros indígenas da UFPA (Universidade Federal do Pará) todo o processo de convivência e aprendizado dentro da Universidade.

Atualmente estou na cidade de Oiapoque, pois em Belém os casos da COVID-19 só aumentam cada dia. Assim como em todo o Brasil, as aulas foram suspensas devido a essa doença, que se alastrou de maneira assustadora por todo o mundo. Não estamos falando de uma simples febre ou dor de cabeça, mas sim de uma doença que já acabou com a alegria de muitos pelo mundo.

Temíamos que esse vírus chegasse nas aldeias, mas foi impossível conter, o desespero e a dor de ver nossos parentes e famílias sendo infectados nos abala, e muito! Não sei vocês, mas quando soube que o exame de minha mãe tinha testado positivo e que ela estava com COVID-19 eu fiquei sem chão, sem poder fazer nada. Mas, com a ajuda de Deus e graças aos nossos remédios caseiros, ela conseguiu superar, foi um alívio enorme, pois tanto ela quanto muitos outros parentes nossos estão no grupo de risco.

Fico mais tranquila em saber que nossa cultura prevalece, nossos remédios estão sendo resgatados, nossas crenças, saberes e tradições de muitos anos estão, literalmente, nos salvando. Temos mais é que nos utilizar dos meios que nos são oferecidos em abundância, vindos da NATUREZA, pois se formos depender dos órgãos responsáveis pela saúde indígena, como diz o dito popular da minha aldeia, “estamos no mato sem cachorro”. Não está fácil para ninguém!

Na verdade nós, indígenas, minoria na visão política, temos mais é que ensinar para eles como nossa força, garra e determinação tem ajudado a diminuir o número de óbitos em relação a outras regiões do Brasil. Um exemplo do descaso conosco, povos indígenas, é a montagem da sentinela para os indígenas. Somente após nossas aldeias estarem quase todas

infectadas isso ocorreu, sendo que tiveram bastante tempo para elaborar um plano de combate ao coronavírus.

Pelos relatos de alguns dos nossos parentes percebemos que a situação da saúde indígena é precária. O Brasil todo está sofrendo com essa pandemia, famílias não têm o que comer, o que beber, hospitais não têm leitos, nem medicamentos. O nosso povo indígena só não sofreu mais porque temos nosso modo de vida diferenciado quanto ao modo de se alimentar, vivendo da caça e pesca. Contamos também com a ajuda de alguns parceiros que doaram cestas básicas para as aldeias, como aconteceu agora no início dessa semana, nos dias três e quatro do mês de junho.

Estamos passando por um período muito complicado, durante o qual não resta muito o que fazer a não ser lutar para que não aconteça o pior em nossas comunidades. Acredito que tudo vai passar e ainda vamos viver como antes da pandemia, sorrindo, brincando, nos divertindo muito em nossas aldeias, e podendo ir para nossas roças.

Oiapoque, Amapá, Amazônia, Brasil

10 de junho de 2020